

A distribuição espacial da indústria têxtil no Estado do Paraná

The location of the employment in the textile industry in Paraná state in Brazil

Tainá Caionara de Oliveira¹
Jandir Ferrera de Lima²

Resumo

Este artigo analisa a distribuição espacial da indústria têxtil nas microrregiões do Estado do Paraná, traçando um panorama sobre o perfil de localização e da geração de emprego e valor adicionado. Utilizou-se uma metodologia descritiva exploratória a partir de dados oficiais de emprego e valor adicionado fiscal e da estimativa de indicadores de análise regional. Os resultados apontaram que algumas microrregiões analisadas tiveram grande destaque no setor têxtil, como: Cianorte, Wenceslau Braz, Capanema, Floraí, Umuarama, Apucarana e Faxinal. Os encadeamentos proporcionados pelo setor têxtil ficaram visíveis nas microrregiões de Goioerê e Campo Mourão, que são especializadas na produção de têxtil, e estimulam a produção algodoeira nas regiões que fornecem insumos para o setor têxtil.

Palavras Chave: Indústria Têxtil. Economia Paranaense. Economia Regional.

Abstract

This paper analyses the spatial distribution of the Textile Industry in Paraná State in Brazil, drawing a panorama of the profile location and the generation of employment and added value. We used a descriptive exploratory methodology from official employment data and value added tax and the estimation of regional analysis indicators. The results showed that some micro-regions analysed have great prominence in the textile sector in the municipalities of Cianorte, Wenceslau Braz, Capanema, Floraí, Umuarama, Apucarana and Faxinal. threads provided by the textile sector were visible in the regions of Goioerê and Campo Mourao cities, which are specialized in the production of textile, and stimulate cotton production in regions that provide inputs for the textile sector.

Keywords: Textile Industry. Paranaense Economy. Regional Economy.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduada em Ciências Econômicas pela UNIOESTE-Toledo. Bolsista da CAPES *E-mail*: tainacaionara@outlook.com

² Doutor em Desenvolvimento Regional (PhD) pela Université du Québec (UQAC), Canadá. Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio - Mestrado e Doutorado; do Programa de Pós-Graduação em Economia e do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do CNPQ, da Fundação Araucária e da Fundação PTI-BR. *E-mail*: Jandir.lima@unioeste.br

Introdução

O setor têxtil surgiu no Brasil no século XIX, mas só teve representatividade quando os excedentes das produções do café começaram a ser reinvestidos no setor, logo no início do século XX. Atualmente, o Brasil é o quinto maior produtor têxtil do mundo, ficando atrás somente da China, da Índia, dos Estados Unidos e do Paquistão. O parque industrial do setor no país é o quarto maior do mundo, com um total de 71.203 estabelecimentos em 2012 (CLEMENTINO, 2012; GORINI, 2000; SINVESPAR, 2010).

O Estado do Paraná é o quarto maior gerador de empregos no setor têxtil, ficando atrás apenas de São Paulo, Santa Catarina e Minas. O estado é também o quarto maior exportador de produtos têxteis no país, sendo responsável por cerca de 13% das exportações do setor em 2012; além disso, cerca de 10% dos empregos no setor estão sendo gerados no Paraná – em 2014 foram 86.196 empregos formais gerados pela indústria têxtil, e em 2013, segundo dados do IBGE (2015,) o Valor Adicionado Fiscal do setor chegou a quase 3 bilhões de reais (SINVESPAR, 2010; ABIT, 2010).

Sendo assim, torna-se perceptível a importância de uma análise mais aprofundada do perfil do setor têxtil, tanto na geração de empregos quanto na localização regional. Nesse contexto, este estudo visa analisar a distribuição espacial da indústria têxtil nas microrregiões do Estado do Paraná, traçando um panorama sobre o perfil de localização e da geração de emprego e valor adicionado

Destarte, este artigo encontra-se dividido em quatro seções, além desta introdução. Na seção seguinte, são abordados o referencial teórico e os elementos metodológicos utilizados. Na terceira seção são apresentados os resultados e as discussões relacionadas ao perfil da indústria têxtil, seu potencial de geração de emprego e renda e os possíveis encadeamentos que ela produz. As conclusões, na quarta seção, sintetizam esta pesquisa.

O Brasil é o quinto maior produtor têxtil do mundo, ficando atrás somente da China, da Índia, dos Estados Unidos e do Paquistão.

1 Elementos Teóricos e Metodológicos

Esta seção apresentará, além do ferramental metodológico que abordará medidas de análise regional, breves conceitos das teorias de localização industrial, setorial, polarização e efeitos de encadeamento de forma a complementar os métodos de localização regional.

1.1 Elementos Teóricos

A palavra **indústria** engloba desde uma empresa de pequeno porte até fábricas de médio e grande porte dentro de parques industriais. Dessa forma, para a atividade se caracterizar como industrial deve fazer uso de maquinários e criar produtos por meio da modificação de matérias-primas voltadas para a produção de mercadorias que são substitutas próximas entre si, ou seja, que operam métodos produtivos semelhantes, como no caso da indústria têxtil e de confecção (KUPFER; HASENCLEVER, 2002).

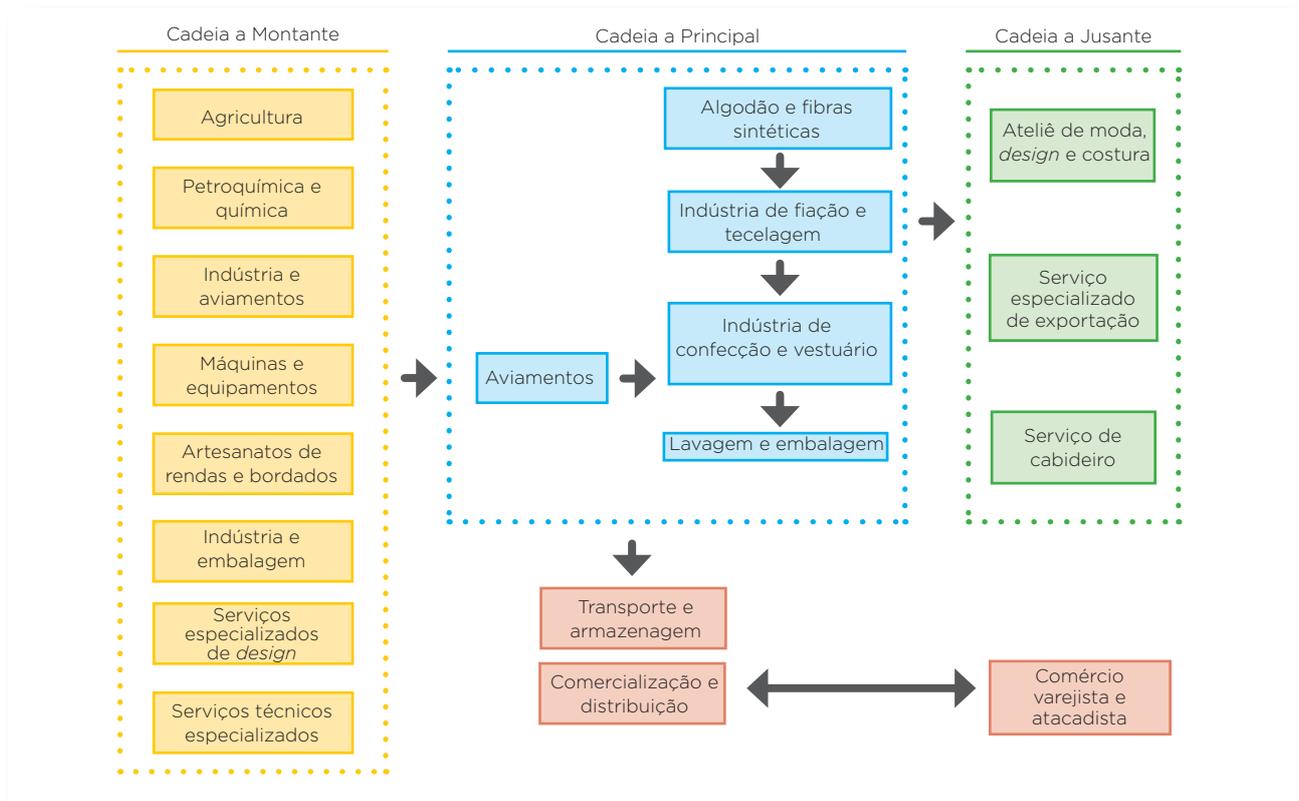
Já o setor têxtil envolve uma gama de indústrias conhecidas como **indústrias tradicionais**, ligadas a produção de tecidos, roupas e acessórios. As principais características das indústrias tradicionais são: uso intensivo de mão de obra com pouca qualificação, matéria-prima pouco modificada no processo produtivo, baixa inovação na fabricação, poucas barreiras à entrada de novas indústrias, além de que pequenas e microempresas

acabam tendo que concorrer com grandes indústrias. A grande diversidade de indústrias em relação ao tamanho e gênero de produção é causada também pela diferenciação entre os consumidores, com níveis de renda, estilos, preferências e culturas diferentes (LISBOA, 2013).

A cadeia produtiva têxtil e de confecções se organiza em três conjuntos: a cadeia principal, centralizada, que envolve o processo de produção de tecidos, fios e malhas (feitos a partir de algodão ou fibra sintética); o processo de estamparia e aviamentos (linhas, botões, rendas e anilinas), que alimenta as atividades de vestuário em seus diferentes segmentos de produção (roupas, artigos de malharia, produtos de cama mesa e banho, etc.) e a fase final desse processo, isto é, lavagem e embalagem. Além da cadeia principal existem outras duas: a montante e a jusante. Na montante encontram-se a produção de insumos, matérias-primas, máquinas e equipamentos, rendas e bordados, que são utilizados nas unidades produtivas da cadeia principal; na jusante está a comercialização e a distribuição, tanto de atacado quanto de varejo, que são essenciais para a eficiência da cadeia produtiva (SEBRAE, 2008).

Esses conjuntos formam as cadeias produtivas e/ou complexos industriais. Uma cadeia produtiva é um conjunto de etapas consecutivas pelas quais os insumos passam e vão sendo transformados, essa definição é ampla e abrange diversas formas de cadeia. Uma cadeia produtiva empresarial, por exemplo, é formada por várias empresas, e cada uma delas representa uma etapa da cadeia. Em níveis mais agregados, têm-se cadeias produtivas setoriais, onde cada etapa é um setor econômico (KUPFER; HASENCLEVER, 2002). A FIG. 1 ilustra a cadeia produtiva do setor têxtil e de confecções, com todos seus segmentos e etapas.

FIGURA 1 - Cadeia produtiva têxtil e de confecções



FONTE: Sebrae (2008, adaptado)

Segundo a abordagem estruturalista, a indústria têxtil tem grande potencial de dinamizar a economia por meio de encadeamentos. Os encadeamentos produtivos se dividem em três tipos: “encadeamento para trás” ou “efeitos em cadeia retrospectivos”, na abordagem mais ampla, consiste em uma região produzir insumos para a economia exportadora, já no caso da indústria têxtil esse “efeito” seria a mesma coisa que a cadeia a montante; o segundo é o “encadeamento para frente” ou “efeitos em cadeia prospectivos”, esses são os efeitos que irão gerar valor agregado ao produto da economia exportadora, no caso da indústria têxtil, pode-se dizer que os efeitos de encadeamento para frente são os mesmos que a cadeia principal; e, por fim, o “encadeamento de demanda final” que é o investimento destinado às indústrias de bens finais (HIRSCHMAN, 1961).

No caso, percebe-se que a indústria têxtil possui um nível mais elevado de encadeamentos para frente e para trás do que setores como a agropecuária e serviços, além disso, seus efeitos de transbordamento e suas externalidades positivas são mais relevantes, e sua expansão deverá ter maiores impactos sobre a economia como um todo.

As indústrias capazes de gerar efeitos em cadeia ou encadeamentos são geralmente as que possuem grande porte. Tolosa (1972) define essas grandes indústrias como “elementos de dominação”, posteriormente elas seriam definidas por Perroux (1977) como “unidades dominantes”. O objetivo da teoria da unidade dominante é explicar o comportamento dos mercados não competitivos, e também de todos os outros agentes econômicos que tomam decisões nesses mercados. Após muitos refinamentos, essa teoria tornou-se a teoria dos polos de crescimento de Perroux.

Uma vez que esses polos de crescimento situam-se à considerável distância uns dos outros, precisam existir vias de ligamento entre eles; essas vias de ligamentos podem ser caracterizadas como corredores. Andrade (1987) explica em sua obra que Perroux imaginava essas vias de ligamento como um conjunto de atividades complexas que

Em níveis mais agregados, têm-se cadeias produtivas setoriais, onde cada etapa é um setor econômico.

se completavam, e não apenas como uma estrada ou via de transporte.

Paelink (1977) ressalta que através das rendas geradas pelas indústrias motrizes o setor terciário também prospera e desenvolve novas atividades, atraídas pela disponibilidade de fatores de produção e infraestrutura, que são implantados por órgãos governamentais, regionais para atrair investimentos, assim surgem firmas satélites que abastecem a indústria motriz e ampliam a infraestrutura local, gerando novas economias externas.

Estudos realizados por Pelinski, Silva e Ferrera de Lima (2006) verificaram que a chegada de uma empresa motriz em uma determinada região, a princípio, gera externalidades positivas, comprovando a teoria de Perroux (1977) quanto à polarização. Por outro lado, no estudo empírico realizado por esses autores, apesar de alguns indicadores sociais demonstrarem que a região teve uma melhora em aspectos como educação e longevidade, houve um aumento na concentração de renda, como previa Santos (2003). Apesar disso, não há provas concretas de que apenas o crescimento da indústria analisada tenha melhorado todos esses índices, o que possivelmente ocorreu é que algumas de suas externalidades positivas ajudaram a melhorar o panorama geral da região analisada.

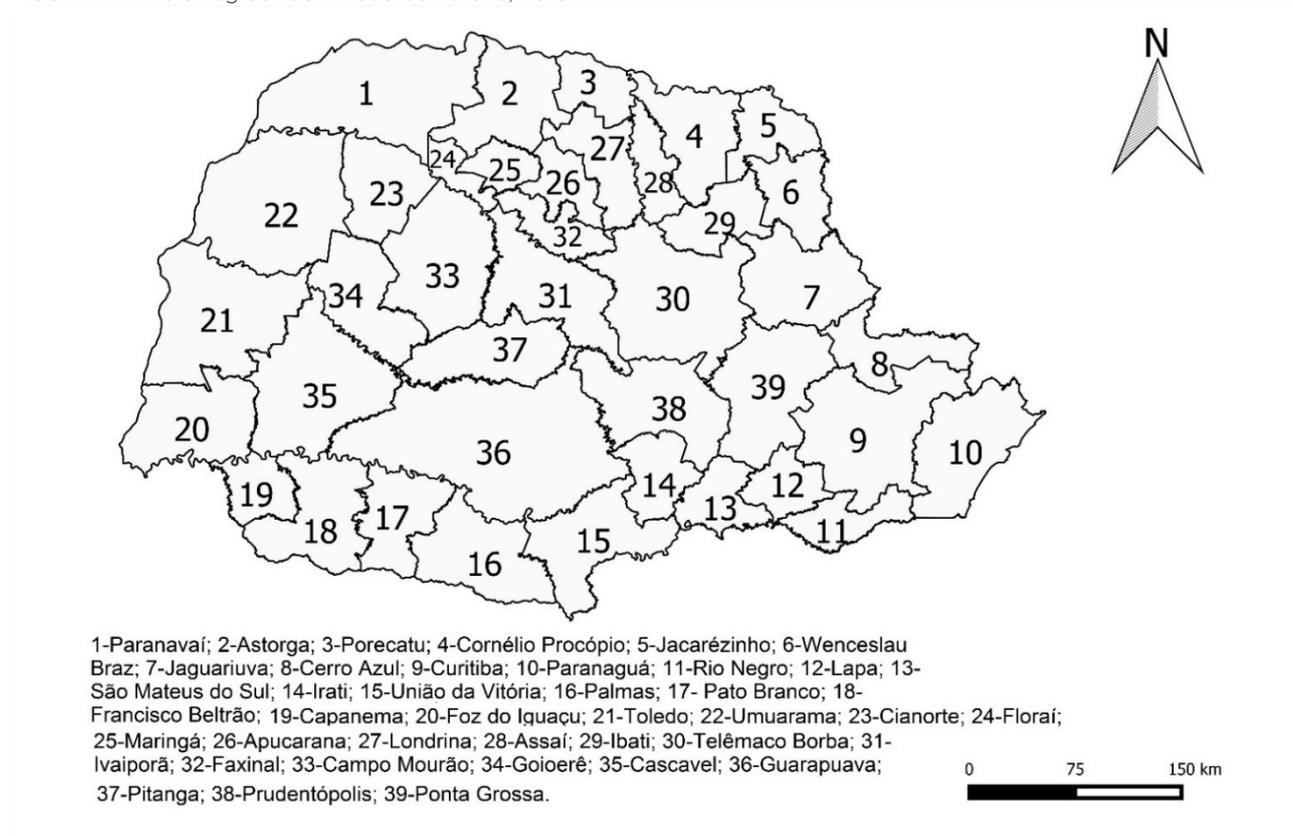
1.2 Elementos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa empírica, dedicada a observar e mensurar os acontecimentos acerca da indústria têxtil no Paraná. O problema de pesquisa foi abordado de forma quantitativa, utilizando o cálculo de índices e quocientes. É uma pesquisa exploratória que objetiva alcançar

seus resultados por meio da aplicação direta de índices e cálculos, através de dados secundários.

Nesta pesquisa, a área de análise são as 39 microrregiões do Paraná, FIG. 2, conforme a divisão utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

FIGURA 2 - Microrregiões do Estado do Paraná, 2016



FONTE: Os autores (2017)

Os dados utilizados para atender os objetivos da pesquisa foram: Valor Adicionado Fiscal (VAF), segundo a divisão da CNAE 2.0, disponível no Banco de Dados Estadual (BDE) do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES); informações sobre emprego e estabelecimentos, disponíveis no banco de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os dados com valores monetários

foram deflacionados por meio do Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M), disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Os períodos analisados foram os anos de 2008-2011/2011-2014, para emprego e estabelecimentos e 2007-2010/2010-2013 para os dados de Valor Adicionado Fiscal, conforme disponibilidade de dados nas diferentes fontes pesquisadas.

Para analisar a localização do emprego e sua distribuição nas microrregiões paranaenses, foi utilizado o Quociente Locacional (QL), que mostra o comportamento locacional dos ramos de atividades, assim como aponta os setores mais especializados (potenciais) nas diferentes regiões, comparando-as a uma macrorregião de referência (ALVES, 2012).

O cálculo do QL exige a escolha de uma, ou mais, variáveis. A escolha dessas variáveis deve considerar a menor possibilidade de enviesar os resultados e a que apresenta o maior número de subsetores possíveis, pois quanto mais desagregados setorialmente melhor será a identificação das especializações regionais. Dessa forma, a variável mais utilizada na literatura é o número de empregados distribuídos por setores. Assim, presume-se que os ramos de atividade mais especializados empregam mais mão de obra no decorrer do tempo. Por outro lado, a ocupação da mão de obra se reflete na geração e distribuição da renda regional, o que estimula o consumo e conseqüentemente a dinâmica da região (ALVES, 2012).

A restrição ao uso de uma única variável para o cálculo do Quociente Locacional surge do fato de que cada setor ou região adota um padrão muito diferenciado de incorporação e uso da mão de obra, bem como essa última apresenta padrões muito distintos de produtividade. Assim, seria pertinente utilizar outras variáveis para complementar a análise, por exemplo, o Valor Adicionado Fiscal (VAF). O VAF é o valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. Então, quando o Quociente Locacional calculado através dessa variável for maior que a unidade, indicará quantas vezes mais a microrregião agrega valor na indústria têxtil que o estado como um todo.

A estimativa do QL é a seguinte:

$$QL = \frac{\frac{C_{ij}}{\sum_j C_{ij}}}{\frac{\sum_i C_{ij}}{\sum_i \sum_j C_{ij}}}$$

Em que:

C_{ij} = Número de empregos formais, ou VAF, do setor têxtil para a microrregião

$\sum_j C_{ij}$ = Somatório de empregos formais, ou do VAF, do setor têxtil no estado

$\sum_i C_{ij}$ = Somatório de empregos formais, ou do VAF, de todos os setores na microrregião

$\sum_i \sum_j C_{ij}$ = Somatório de empregos formais, ou do VAF, de todos os setores no estado

A estimativa do QL compara a participação percentual das pessoas ocupadas, ou do VAF, de uma microrregião j com a participação percentual do Estado do Paraná. O QL informa quantas vezes o setor têxtil é mais (ou menos) importante, ou especializado, para a microrregião j *vis-à-vis* a de referência, o Estado do Paraná. Tradicionalmente, a importância da microrregião j no contexto Estadual de referência, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando o QL assume valores acima de um (1).

Quando os resultados do quociente locacional (QL) assumirem valores maiores que a unidade, a microrregião em questão será considerada especializada, ou seja, a relação de empregos no setor têxtil dessa microrregião é tantas vezes quantas o QL for maior que um mais importante que a relação de empregos para o setor têxtil no Estado do Paraná.

Para fins de comparação sobre o desempenho desses dados entre as microrregiões, foram usadas tabelas, gráficos e figuras, analisando e apresentando os valores relativos da variação percentual de participação do setor na geração de emprego e renda.

2 Resultados e Discussão

Nesta seção, serão apresentados os resultados dos indicadores de análise regional, com as variáveis do emprego formal e do valor adicionado fiscal para a indústria têxtil paranaense. Entretanto, é interessante analisar primeiro a distribuição do emprego e do valor adicionado fiscal da indústria têxtil nas microrregiões do Paraná, conforme a TAB. 1.

Mediante os dados apresentados a seguir, percebe-se que algumas microrregiões concentram a maior parte do montante de empregos gerados na indústria têxtil no Estado do Paraná, são elas: Apucarana, Maringá, Umuarama, Curitiba, Cianorte, Londrina e Toledo. Os municípios de Londrina, Apucarana, Maringá e Cianorte são polos de suas respectivas microrregiões e formam o “corredor da moda” do Estado do Paraná, visível nas FIG. 3 e FIG. 4, pois nesses municípios o segmento mais forte é o de confecções (MARTINS; SOUZA; MAIA, 2011).

TABELA 1 – Distribuição do emprego formal e do VAF da indústria têxtil nas microrregiões* do Paraná, 2013 e 2014

Microrregião	Nº de Empregos	% do emprego na microrregião em relação ao estado	Microrregião	Valor Adicionado Fiscal	% do VAF na microrregião em relação ao estado
	2014	2014		2013	2013
Apucarana	8.735	10.13%	Curitiba	526.066.660	19.03%
Maringá	8.303	9.63%	Maringá	350.142.736	12.67%
Umuarama	7.938	9.21%	Umuarama	312.982.571	11.32%
Curitiba	7.854	9.11%	Londrina	302.282.078	10.94%
Cianorte	7.742	8.98%	Cianorte	299.958.425	10.85%
Londrina	7.668	8.90%	Apucarana	218.779.112	7.92%
Toledo	5.475	6.35%	Toledo	136.284.771	4.93%
Francisco Beltrão	4.971	5.77%	Campo Mourão	99.458.641	3.60%
Campo Mourão	3.222	3.74%	Ponta Grossa	89.419.236	3.24%
Astorga	3.117	3.62%	Francisco Beltrão	86.330.440	3.12%
Wenceslau Braz	3.078	3.57%	Cascavel	54.054.685	1.96%
Capanema	2.489	2.89%	Astorga	45.667.933	1.65%
Cascavel	2.148	2.49%	Capanema	37.209.611	1.35%
Paranavaí	1.701	1.97%	Wenceslau Braz	35.048.866	1.27%
Estado do Paraná	86.196	100%	Estado do Paraná	2.764.027.835	100%

* As microrregiões que foram omitidas apresentaram valores percentuais pouco significativos em relação ao total estadual.

FONTE: Os autores (2016)

Em relação ao VAF, verifica-se que os municípios que mais agregam valor na indústria têxtil são praticamente os mesmos que mais geram empregos, porém Curitiba aparece como a detentora do maior VAF no ano de 2013, mesmo sendo a quarta maior geradora de empregos do estado.

A microrregião de Apucarana foi a maior geradora de empregos. Em 2014 era detentora de 10,13% de todo emprego gerado no setor têxtil no Estado do Paraná, o equivalente a mais de 8 mil empregos. Já em valor adicionado a microrregião fica em sexto lugar, salientando que, apesar de ser a maior geradora de emprego do setor têxtil do estado, ela não é a que mais agrega valor aos produtos.

Segundo Nasirkhodjaeva (2010), no Uzbequistão as indústrias têxtil e do vestuário são setores que ocupam muita mão de obra, possuem recursos naturais em abundância, infraestruturas desenvolvidas e base de inovação. Dessa forma, o país deve se espelhar na experiência bem-sucedida da China, da Coreia, da Turquia e de outros países em que esses setores industriais formam uma base para a implementação da estratégia de *clusters*; no caso do Paraná não é diferente, visto que os *clusters* já vêm sendo implementados há alguns anos, especialmente na região do “corredor da moda”, citado anteriormente.

As figuras 3 e 4 mostram o perfil locacional das microrregiões paranaenses em relação à indústria têxtil no quesito geração de empregos (emprego formal) e agregação de valor (valor adicionado fiscal), respectivamente. Observa-se a similaridade no comportamento das variáveis, ou seja, o perfil locacional do emprego formal e do VAF é semelhante.

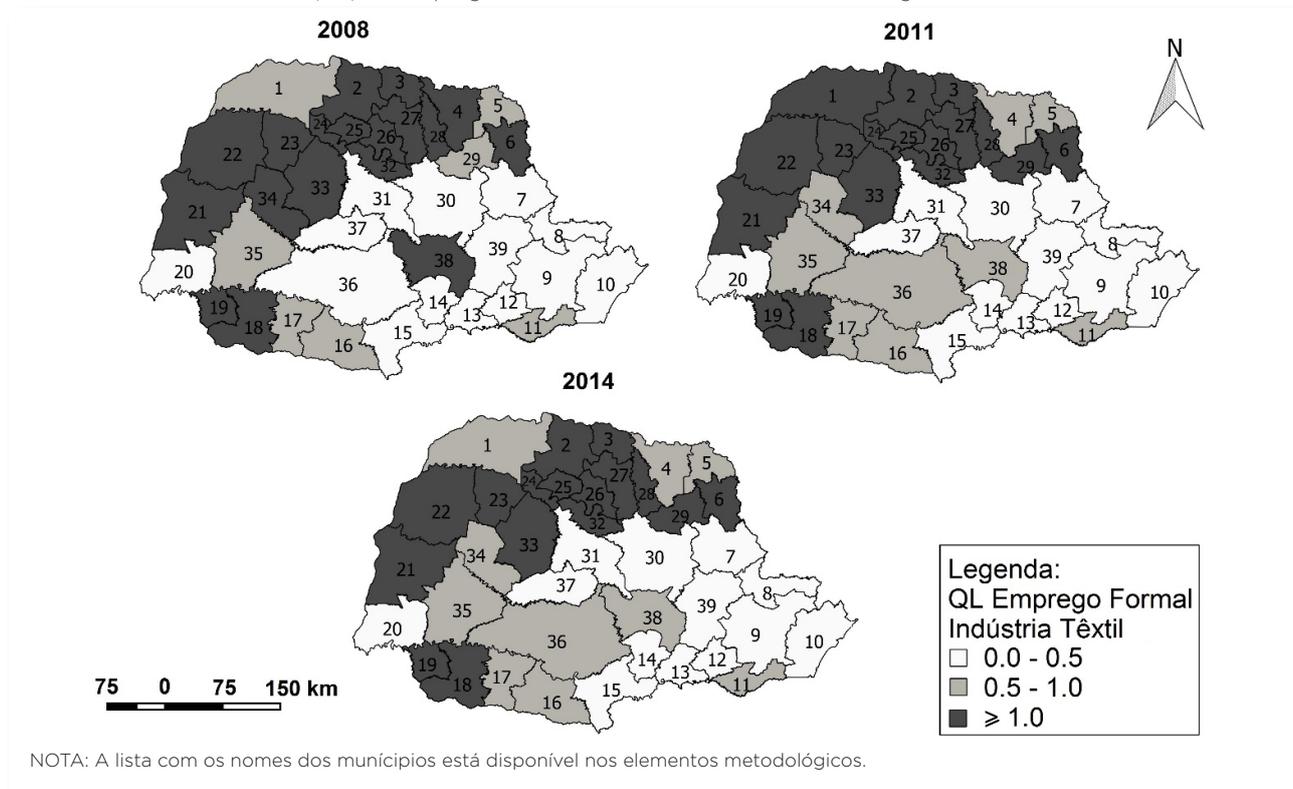
A microrregião de Florai foi uma das exceções mais expressivas, pois o quociente locacional segundo o emprego formal (QLEF) teve um resultado maior que a unidade (1) em todos os períodos analisados e o seu quociente locacional segundo o valor adicionado fiscal (QLVAF) foi pouco maior que a unidade apenas no primeiro período observado (2007). Apesar de ter sido pouco menor que um (1) nos outros períodos, se comparado ao QLEF a diferença é significativa, já que no ano de 2014 o QLEF dessa microrregião foi de 4,69 e em 2013 e seu QLVAF foi de 0,88. Florai é uma microrregião pequena e boa parte da mão de obra ocupada nela está concentrada no setor têxtil;

segundo os dados coletados, 12,77% do total dos postos de trabalho da microrregião estão alocados no setor têxtil; foram 712 empregos, no ano de 2014, distribuídos entre 46 estabelecimentos, porém estabelecimentos com pouca agregação de valor, o que pode explicar a disparidade entre QL's.

O mesmo ocorreu em outras microrregiões como: Porecatu, Faxinal e Ibaiti, onde o QLEF foi maior que a unidade e o QLVAF não. Essa diferença ocorreu em todos os períodos analisados.

A FIG. 3 apresenta a visualização das microrregiões especializadas no setor têxtil do Estado do Paraná. O “corredor da moda” fica em evidência, ressaltando a importância da indústria têxtil, principalmente para as microrregiões que apresentaram um QL superior ou igual à unidade (1) em todos os períodos analisados, quais sejam: Toledo, Umuarama, Cianorte, Campo Mourão, Florai, Maringá, Apucarana, Astorga, Faxinal, Porecatu, Londrina, Assaí e Wenceslau Braz, Capanema e Francisco Beltrão.

FIGURA 3 - Perfil locacional (QL) do emprego formal na indústria têxtil das microrregiões do Paraná - 2008 a 2014.



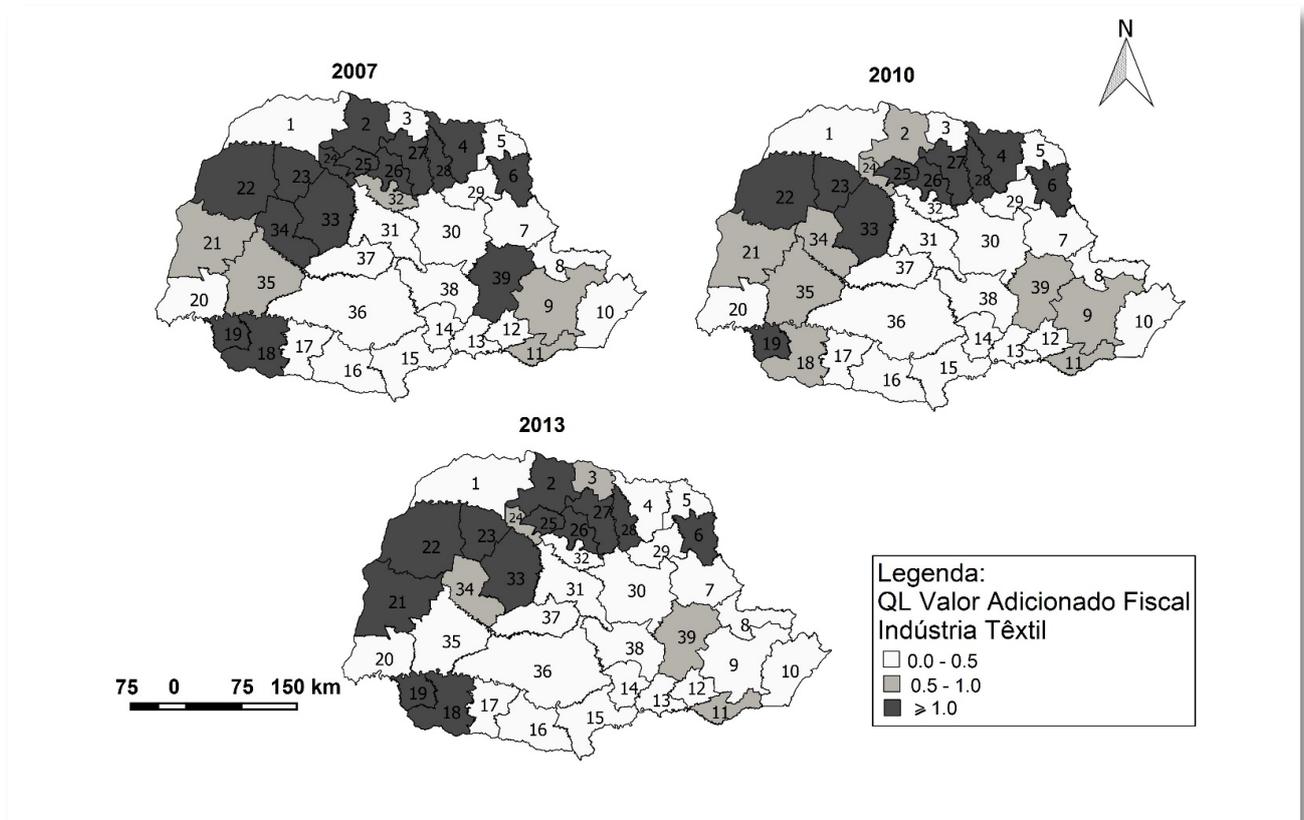
Segundo Câmara, Souza e Oliveira (2006), em 2004 os arranjos produtivos locais (APL's) das microrregiões de Londrina, Apucarana, Maringá e Cianorte representavam 35% dos estabelecimentos do setor têxtil e de confecções de todo o Estado do Paraná, evidenciando a importância das quatro microrregiões para o setor. Observando os dados apresentados anteriormente na TAB. 01, percebe-se que em 2014 a indústria têxtil das microrregiões supracitadas representava mais de 37% dos empregos gerados no estado.

Algumas microrregiões que apresentaram os QLEF's superiores à unidade ficaram bem distantes das demais, são elas: Cianorte, que em todos os períodos analisados teve um QL superior a 5; Wenceslau Braz; Capanema; Florai; Umuarama; Apucarana; Faxinal; Assaí; e Francisco Beltrão. Apesar de terem apresentados ótimos resultados para os QL's a maioria dessas microrregiões apresentou uma tendência decrescente no período analisado.

A microrregião de Cianorte foi a que mais se destacou no setor têxtil entre as que formam o "corredor da moda" e, também, dentre todas as microrregiões do Paraná, apresentando o QLEF de 6,38, 5,65 e 5,96 para os anos de 2008, 2011 e 2014, respectivamente. Apesar de altamente especializada, a microrregião de Cianorte não foi a que mais empregou no ano de 2014, ficando em quarto lugar, com 8,98% dos empregos gerados no estado, distribuídos entre 569 estabelecimentos, segundo dados fornecidos pela RAIS.

A FIG. 4 evidencia as microrregiões que são especializadas no setor têxtil em relação ao VAF. O VAF é o valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo, então, pode-se concluir que o quociente locacional calculado a partir do VAF mostra quantas vezes mais a microrregião agregou valor no setor têxtil que o estado como um todo.

FIGURA 4 - Perfil locacional (QL) do VAF na indústria têxtil das microrregiões do Paraná - 2007 a 2013



FONTE: Os autores (2016)

Novamente a microrregião de Cianorte se destacou, apresentando um QLVAF de 7,10, 11,68 e 6,38 para os anos de 2007, 2010 e 2013, respectivamente. Isso indica que, nessa microrregião, o valor agregado no processo produtivo da indústria têxtil foi pelo menos seis vezes maior que o valor agregado nesse mesmo setor no estado como um todo no ano de 2013. Apesar da evidente tendência de decréscimo nos valores dos QL's, a importância do setor têxtil para a microrregião de Cianorte é muito perceptível, já que, dentre os outros setores, o têxtil foi o que apresentou o maior QL em todos os períodos analisados.

Com o QLEF maior que a unidade, a microrregião de Londrina mostra-se especializada no setor têxtil. Essa é uma microrregião muito dinâmica, ou seja, não depende exclusivamente de um setor, mas o setor têxtil mostrou importância significativa. A indústria têxtil da microrregião de Londrina contava com 486 estabelecimentos em 2014 e 7.668 empregos, o que equivale a 8,9% do total de empregos gerados no estado no setor têxtil nesse mesmo ano.

O arranjo produtivo local (APL) de confecções na microrregião de Londrina foi identificado por Martins, Souza e Maia (2011), que apontaram o ambiente institucional bastante desenvolvido. O setor de vestuário nessa região é considerado uma aglomeração bastante tradicional, com um ambiente propício à inovação, devido, principalmente, à boa estrutura física e institucional na região, que conta com os cursos técnicos de capacitação e profissionalizantes do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e com o curso de Moda na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

As microrregiões de Cianorte, Londrina, Maringá e Apucarana, formadoras do “corredor da moda”, evidenciam as teorias de Hirschman (1961) e Perroux (1977). Primeiramente, conforme Hirschman (1961), a melhor maneira de uma região se desenvolver é investindo na exploração e exportação de um produto que gere efeitos de encadeamento na economia, independentemente se o produto é primário ou industrializado. Além

disso, são polos que dinamizam a economia das microrregiões citadas, e também das microrregiões próximas. Perroux (1977) chama esses polos, ou unidades dominantes, que podem ser simples ou complexos, compostos por uma, ou mais indústrias ou empresas de **unidade motriz**. Essas empresas geram efeitos de atração sobre as demais empresas a elas relacionadas como fornecedoras de insumos, ou revendedoras do produto final. Num trabalho de Kleinschmitt e Ferrera de Lima (2011), o fortalecimento desse espaço microrregional já demonstrava uma forte polarização ligada à multiespecialização no têxtil e na indústria agroalimentar.

Campo Mourão é uma microrregião com uma base econômica bastante diversificada; há vários setores que dinamizam essa região, o setor têxtil está entre os principais, com um QLEF de 2,47, evidenciando que essa microrregião emprega duas vezes mais no setor têxtil que o estado como um todo. Em 2014, a microrregião de Campo Mourão contava com 3.222 postos de trabalho no setor têxtil, equivalente a 6,57% do emprego gerado na microrregião, esses empregos estavam distribuídos entre 149 estabelecimentos nesse ano.

A melhor maneira de uma região se desenvolver é investindo na exploração e exportação de um produto que gere efeitos de encadeamento na economia, independentemente se o produto é primário ou industrializado.

O VAF do setor têxtil nessa microrregião aumentou cerca de R\$ 30 milhões de 2010 para 2013, o QLVAF também seguiu uma tendência crescente. Em 2013 o VAF do setor têxtil da microrregião de Campo Mourão representava 3,60% de todo VAF estadual do setor.

As regiões de Campo Mourão e Goioerê se destacam como especializadas no segmento de algodão na área têxtil. Em 2004, a região se posicionava como a segunda na produção de algodão no estado, com 7,4 mil hectares plantados, gerando 16 mil toneladas de algodão. Entre 2000 e 2004, a participação percentual desse segmento no VAF da região declinou, e através de algumas iniciativas locais, como o Programa de Incentivo à Cotonicultura, promovido pela Empresa Paranaense de Assistência Técnica de Extensão Rural (EMATER), a atividade voltou a recuperar-se gradativamente (OLIVEIRA; CÂMARA; BAPTISTA, 2007).

As microrregiões de Campo Mourão e Goioerê reafirmam a teoria de Hirschman (1961) e Perroux (1977), na qual a indústria chave, ou motriz, no caso o setor têxtil, estimula a produção à jusante e à montante. No caso, a produção de algodão seria um encadeamento para trás, ou efeito em cadeia retrospectivo, onde a região produz insumos para as grandes indústrias motrizes que estão instaladas nas proximidades.

O restante das microrregiões não apresentou resultados relevantes no setor têxtil, principalmente se levado em consideração o quociente locacional do emprego formal. Porém algumas delas apresentaram substanciais acréscimos no VAF do setor têxtil, como: Guarapuava, Pato Branco, Cascavel, Cornélio Procópio, Foz do Iguaçu, Ivaiporã, Ponta Grossa, Jaguariaíva e Curitiba. No entanto, os incrementos do VAF podem ser percebidos nos demais setores também, o que é um indicativo de que a economia cresceu como um todo.

Microrregiões como Foz do Iguaçu, Cascavel e Curitiba tiveram aumentos bastante

significativos no VAF do setor têxtil, porém vale ressaltar que os municípios que nomeiam essas microrregiões são polos, ou seja, elas possuem um grande contingente populacional. A geração de emprego é elevada devido à grande concentração de indústrias ou atividades terciárias e o valor agregado ao processo de produção sempre será expressivo em função do volume de produção, mesmo que o setor não seja tão importante para e sua economia local, isso ocorre principalmente pelo tamanho dessas economias. Foz do Iguaçu serve de exemplo, pois sua economia é baseada no setor terciário e o movimento financeiro do ramo produtivo têxtil se dá em função do grande fluxo turístico.

A microrregião de Curitiba, por exemplo, foi a que apresentou o maior VAF nos períodos analisados e a quarta microrregião que mais empregou no setor, representando 9,11% de todo emprego gerado no estado nesse setor. Porém, devido ao seu alto potencial de dinamização em outros ramos de atividades, o setor têxtil acaba não aparecendo como especializado nos cálculos de QLEF e QLVAF.

O que explica o VAF da microrregião de Curitiba ser o maior de todo o estado no ano de 2014 é a produtividade dos trabalhadores daquela microrregião. Por ser uma região mais desenvolvida, seus trabalhadores tendem a ser mais produtivos e especializados, o que agrega valor à produção. Também é em Curitiba que a Propex, uma indústria têxtil multinacional, instalou um moderno parque fabril com equipamentos de tecnologia avançada. Essa indústria é líder mundial na confecção de tecidos sintéticos de resinas termoplásticas e está no Brasil há mais de 30 anos (PROPEX, 2016).

Conclusão

Este artigo analisou a distribuição espacial da indústria têxtil nas microrregiões do Estado do Paraná, traçando um panorama sobre o perfil de localização e da geração de emprego e valor adicionado. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a sistematização e análise dos dados de emprego formal, estabelecimentos e VAF.

Atualmente, o Brasil é o quinto maior produtor têxtil do mundo, e o Estado do Paraná é o quarto maior gerador de empregos no setor. O setor têxtil envolve uma gama de indústrias conhecidas como indústrias tradicionais, ligadas à produção de tecidos, roupas e acessórios. Se fosse considerada toda a cadeia produtiva têxtil, desde a produção de insumos até a distribuição e comércio e do produto final, a importância do setor aumentaria.

Os encadeamentos proporcionados pela indústria têxtil podem ser claramente visualizados nas microrregiões de Goioerê e Campo Mourão, onde os municípios da microrregião de Campo Mourão são especializados na atividade produtiva têxtil e estimulam a produção algodoeira dos municípios da microrregião de Goioerê, ou seja, a agricultura da região fornece insumos para a indústria têxtil.

As empresas de confecção são as principais atividades das Regiões Noroeste e Sudeste do Estado do Paraná. No Noroeste se encontram as duas principais cidades produtoras de moda do Paraná: Maringá (localizada na microrregião de Maringá) e Cianorte (localizada na microrregião de Cianorte), no Norte estão as cidades de: Apucarana (localizada na microrregião de Apucarana), Londrina e Cambé (localizadas na microrregião de Londrina), que ganham destaque na produção de acessórios, principalmente na produção de bonés em Apucarana. Cianorte e Umuarama, juntamente com Londrina e Maringá formam o “corredor da moda”, dinamizando essa região do estado, e polarizando as demais indústrias fornecedoras do setor têxtil.

Já a região Centro-Sul é a principal em termos de consumo, pois ali estão concentradas 43% das empresas do estado e 63% do produto interno bruto (PIB) estadual, é também onde se localiza a Região Metropolitana de Curitiba. Na região Oeste

do Paraná concentram-se 21% das empresas de malharia e tricô do estado, o município de Terra Roxa (localizado na microrregião de Toledo) é conhecido pela produção de moda infantil.

Apesar do avanço da indústria têxtil no Estado do Paraná, ela ainda é muito sensível aos movimentos cambiais, pois a valorização cambial diminui sua competitividade frente aos produtos asiáticos; já a desvalorização cambial beneficia a inserção de seus produtos em alguns mercados, mas, por outro lado, encarece a matéria-prima importada. Para contornar a sua fragilidade frente ao movimento do câmbio, só resta à indústria têxtil inovar e “fazer” moda, ou seja, fortalecer as suas marcas e se inserir no universo *fashion* como uma produtora de tendências e não mera tomadora de modas. Para isso, a indústria têxtil paranaense tem muito em que avançar e precisará de um suporte técnico significativo.

Por fim, os objetivos propostos neste estudo foram alcançados, caracterizando a distribuição espacial da indústria têxtil no Paraná através dos mapas, demonstrando que, apesar do setor ter maiores concentrações de emprego e renda em algumas regiões, ele dinamiza a economia como um todo, além de encadear a geração de empregos em outros ramos produtivos.

Para pesquisas futuras, recomenda-se uma análise profunda do setor têxtil, focando os ramos produtivos que o setor têxtil dinamiza, como a produção algodoeira, a fim de verificar quão dinâmica é a cadeia produtiva têxtil nas microrregiões em períodos mais recentes, haja vista a crise econômica atual. Um exemplo é o caso de Cianorte e Apucarana, que são microrregiões com forte especialização no setor têxtil e dependem quase que exclusivamente dele. Nesse caso, seria interessante saber qual o potencial de dinamização de um setor tão forte nos outros ramos de atividade econômica.

- Recebido em: 20/09/2016
- Aprovado em: 21/03/2017

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT). **Cartilha indústria têxtil e de confecção brasileira**: cenários, desafios, perspectivas e demandas. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf>. Acesso em: 3 set. 2015.
- ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. 2012. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LMA, J. (Org.). **Análise regional: metodologias e indicadores**. Curitiba: Camões, 2012. p. 33-50.
- ANDRADE, M. C. **Espaço, polarização e desenvolvimento**: uma introdução à economia regional. São Paulo: Atlas, 2004.
- CÂMARA, M. R. G. da; SOUZA, L. G. A. de; OLIVEIRA, M. A. de. O corredor da moda do Norte-Noroeste do Paraná à luz dos arranjos produtivos locais. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 110, p. 31-66, jan./jun. 2006.
- CLEMENTINO, M. do L. M. A evolução da indústria têxtil no contexto da afirmação do imperialismo americano. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 7., 2012, Bogotá. **Anais...** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/01-M-Miranda.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2015.
- GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-50, set. 2000. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1202.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2015.
- HIRSCHMAN, A. O. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- KLEINSCHMITT, S.; FERRERA DE LIMA, J. Polarização e dispersão industrial nas microrregiões do Sul do Brasil. **Geografar**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2011.
- KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. **Economia industrial**: fundamentos teóricos e práticas no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- LISBOA, S. A. A. **A organização da indústria têxtil brasileira no contexto internacional**. Rio de Janeiro: PUC, 2013. Disponível em: <http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Sofia_Albuquerque_Anicet_Lisboa.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2015.
- MARTINS, T. C.; de SOUZA, S. de C.; MAIA, K. A importância dos arranjos produtivos locais (APLs) de confecções no Norte e Noroeste do Paraná para o mercado de trabalho local. In: ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE: CRESCIMENTO E SUSTENTABILIDADE, 5., 2011, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UNESC, 2011. Disponível em: <http://www.apec.unesc.net/V_EEC/sesoes_tematicas/Economia%20regional%20e%20urbana/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DOS%20ARRANJOS%20PRODUTIVOS%20LOCAIS%20APLs.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2015.
- NASIRKHODJAEVA, D. Forming a cluster strategy for textile industry development in Uzbekistan. **Perspectives of Innovations, Economics & Business**, Prague, v. 4, n. 1, p. 54-56, Feb. 2010.
- OLIVEIRA, M. A. de; CÂMARA, M. R. G. da; BAPTISTA, J. R. V. O setor têxtil-confecções do Paraná e seus segmentos regionais especializados: 2000-2004. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 33, n. 1, p. 83-115, jan./abr. 2007.
- PAELINCK, J. A teoria do desenvolvimento regional polarizado. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia regional e urbana**: textos escolhidos. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. p. 157-174.

PELINSKI, A.; SILVA R., D.; LIMA, J. F. de. A empresa motriz e o desenvolvimento regional: uma análise do impacto da montadora Renault em São José dos Pinhais (PR). **Perspectivas Contemporâneas**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais e Aplicadas, Campo Mourão, v. 1, n. 2, p. 54-72, nov./maio 2006. Disponível em: <<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/365/171>>. Acesso em: 3 out. 2014.

PERROUX, F. O conceito de polo de crescimento. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia regional e urbana**: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977. p. 145-156.

PROPEX. **Sobre a empresa**. 2016. Disponível em: <<http://www.propex.com.br/empresa.htm>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SANTOS, M. **Economia espacial**: críticas e alternativas. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Cadeia produtiva têxtil e de confecções**: cenários econômicos e estudos setoriais. Recife, 2008. Disponível em: <<http://189.39.124.147:8030/downloads/Textil.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO DO SUDESTE DO PARANÁ (SINVESPAR). **Setor têxtil e do vestuário do Paraná**: planejamento estratégico. Curitiba: FIEP, 2010. Disponível em: <<http://www.sinvespar.com.br/Download/Indicadores/relatoriopevestuariopr.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

TOLOSA, H. Polos de crescimento: teoria e política econômica. In: HADDAD, P. R. **Planejamento regional**: método e aplicação ao caso brasileiro. Rio de Janeiro, IPEA, 1972. (Série Monográfica). p. 191-234.